

**VACLAV  
& LENA**



haley tanner

# VACLAV & LENA

TRADUÇÃO DE MARIA LUIZA NEWLANDS





...

*Gavin, meu cúmplice no crime, meu lindo assistente,  
meu camarada e o melhor marido que alguém poderia ter,  
você ainda é meu sol nascente.*

*Você enche minha vida todos os dias  
com encantamento e alegria e possibilidades.*

*Você sempre esteve em cada página deste livro  
e agora também é parte do grande, indômito, magnífico universo.*

*Sei que está se divertindo muito aí, posso sentir.*

*Amo você.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente e antes de tudo, a meus pais, os melhores pais do universo, com certeza. Vocês me deram tudo.

Colin. Você é meu melhor amigo, meu braço direito e o lugar mais seguro onde eu poderia cair. Obrigada, meu irmão.

Lindsey. Obrigada por tudo o que você é, por sempre estar ao meu lado, mesmo quando estou sendo idiota. Amo você demais. Obrigada, minha irmã.

Obrigada aos meus avós, que me ensinaram o que significa amar alguém para todo o sempre. É um dos grandes segredos do universo, e serei sempre grata.

Enormes agradecimentos a Molly Friedrich, Lucy Carson e Paul Cirone por seu ardente entusiasmo, seus conselhos brilhantes e sua paciência sem limites.

Susan Kamil e Noah Eaker ajudaram a tornar este livro tudo o que poderia ser. Qualquer imperfeição que tenha restado é minha.

William Tapply me ensinou a escrever e me disse que eu deveria; sua lembrança está comigo cada vez que começo a fazê-lo.

*Spasibo* a Sebastian Schulman pela tradução russa de última hora.

Julie Sarkissian leu este livro antes que fosse um livro, e ela é a única razão pela qual eu sobrevivi escrevendo-o. Ela é minha melhor amiga e tenho sorte por ela ser também uma brilhante escritora e leitora.

Todos os meus amigos do Brooklyn, com seus belos corações e mentes, e minha família no Tennessee, as melhores pessoas do mundo, vocês me mantêm dançando e rindo e rodeada de amor. Obrigada.

Finalmente, tomei algumas liberdades com fatos referentes a Coney Island. Não vou listá-las aqui, mas, em vez disso, quero incentivá-los a tomar o trem Q para Coney Island, andar na roda-gigante Wonder Wheel, assistir à apresentação da linda e talentosa Heather Holliday no Sideshow e descobrirem por si mesmos.

**JUNTOS**





SEM ASSISTENTE  
NÃO EXISTE MÁGICO

...

— **P**ronto, agora eu vou ensaiar, e você ensaia também. Ahem. AH-em. Sou Vaclav, o Magnífico, e meu aniversário é dia 6 de maio, o famoso dia que as próximas gerações vão comemorar e em que vão se alegrar, um dia que no futuro vai eclipsar o Natal, o Hanucá, o Ramadã e todas as festas pagãs, nascido numa terra muito, muito, muito, muito, muito, muito, muito distante daqui, uma terra de segredos antigos e magníficos, uma terra de conhecimentos encantados repassados através dos tempos desde os ancestrais, uma terra de ilusão (Rússia!), nascido lá e tendo reaparecido aqui, nos Estados Unidos, em Nova York, no Brooklyn (que é um bairro), perto de Coney Island, que é um famoso lugar de mágicas na grande terra das oportunidades (a América, é claro), onde todo mundo pode se tornar qualquer coisa, onde um sem-teto hoje pode vir a ser amanhã um homem de negócios de terno, e o homem de negócios de ontem pode virar um sem-teto hoje à tarde, Vaclav, o Magnífico, que sem dúvida será convocado por duques e presidentes, tsares e aiatolás para realizar suas formidáveis proezas com encantamentos, deixando todos ao mesmo tempo e da mesma forma estarecidos e admirados, e, sendo assim, um dia nos anos futuros vai ser o arauto de

uma nova era (que é um período de tempo) de paz na terra. Senhoras e senhores, trago-lhes agora, apresento-lhes, e aviso antecipadamente sobre a chegada dele para que possam fechar os olhos ou cobrir o rosto com as mãos se ficarem com medo, Vaclav o Magnífico, o Menino-Mágico.

— É... — resmungou Lena.

— Lena, o que você viu é a introdução perfeita para o número de mágica. É longa, perfeita, composta apenas das melhores e mais complicadas palavras do dicionário — diz Vaclav.

— Depois da terceira frase, diga: “Mágica é a arte de controlar os acontecimentos usando poderes sobrenaturais” — diz Lena.

Essa é a frase favorita dela, decorou-a de *O Almanaque do Mágico*, que é um grande livro negro com páginas de bordas douradas, todo sobre truques e ilusionismo. Vaclav não parava de pegar esse livro emprestado na biblioteca, então, no ano anterior, no aniversário dele, Lena o colocou dentro da mochila e o levou para casa, para dar a ele de presente e assim o livro passar a ser dos dois para sempre.

— Soa bem, mas não faz parte do número. Eu já disse isso a você. Essa é a introdução, completa. Agora você tem de selar a introdução com a vela mágica de aniversário.

Vaclav dobra a folha de caderno na qual está escrita a introdução ao número de mágica e a estende para Lena. Lena não a pega da mão dele. Ela está segurando a vela mágica de aniversário na mão esquerda e esfregando suas caneluras em espiral com o polegar. Na mão direita, segura o isqueiro com o qual vai acender a vela. O lacre com cera derretida no papel é parte importante de tudo o que Vaclav e Lena escrevem, e cabe a Lena, exclusivamente a ela, acender a vela mágica de aniversário, segurá-la no alto e depois deixar a cera pingar no papel dobrado, lacrando-o para todo o sempre.

Debaixo da cama de Vaclav, ao lado de um pé de meia esquecido, entre uma porção de coisas indistintas e empoeiradas, há uma caixa de sapatos cheia de folhas de caderno dobradas e seladas com a cera derre-

tida de Lena. As coisas escritas nelas são importantes declarações, pactos, listas e outras invenções da vida dos dois jovens mágicos.

— Nós escrevemos e acabamos agora, Lena, e hoje à noite vou pedir permissão para fazer um espetáculo.

— Impossível — objeta Lena.

— Não, é possível. Posso conseguir isso. Talvez não hoje à noite, mas em breve. E então selamos a introdução, o que significa que podemos começar a preparar o número. Assim que tivermos a permissão, nós nos apresentamos. Acenda. Derreta a cera. E pronto.

— Desdobre o papel. Escreva. Mágica é a arte de controlar os acontecimentos usando poderes sobrenaturais.

— Não, Lena, não vou escrever. Isso não faz parte da introdução do número. É uma frase muito bonita, mas não se encaixa. Esta aqui é a introdução, que temos de lacrar para que assim seja e a gente comece a ensaiar o número de mágica.

Lena olha para o isqueiro que furtou do bolso do roupão da Tia. Lena sabe que é errado roubar, a não ser que se precise muito de algo e a pessoa não esteja em casa e nem chegue a perceber que aquilo sumiu. Roubar o isqueiro provocou-lhe medo, deu-lhe uma sensação boa, de coragem. Lena sente-se corajosa com o isqueiro na mão, muito madura.

— Por que é sempre você quem manda? — Lena pergunta.

— Primeiro, porque eu sou o mágico e você é a assistente. O assistente vem depois do mágico em importância. Não existe assistente sem mágico — explica Vaclav.

— Sem assistente não existe mágico — retruca Lena.

— Sou um ano mais velho do que você — rebate Vaclav.

— Dez é só um pouquinho mais do que nove anos e onze meses — insiste Lena.

— Mágico é mais importante do que assistente porque... — diz Vaclav, preparando-se para dizer mais uma coisa que prove que ele deve ter autoridade sobre Lena. Ele quer ganhar essa discussão, apesar

de saber que vão discutir isso outra vez. É uma briga que eles sempre têm. Feito a famosa discussão sobre o ovo e a galinha, qual veio primeiro, e qual é mais importante e melhor do que o outro. A briga nunca termina porque é impossível provar qual veio primeiro ou quem é melhor quando, na verdade, ambos são a mesma coisa.

Ouve-se uma batida na porta. Lena e Vaclav fitam a porta com olhos arregalados, apavorados. Ouvem-se três batidas fortes e então a maçaneta gira, mas não abre porque a porta está trancada.

Vaclav enche-se de arrependimento. Trancar a porta foi uma péssima ideia. Para a mãe de Vaclav, a porta trancada indica que algo ilícito pode estar acontecendo no quarto do jovem mágico.

— Vaclav! Abra esta porta agora mesmo ou abro eu! Quer que seja do jeito mais fácil ou do mais difícil?

Lena e Vaclav enfiam suas coisas mágicas debaixo da cama, as escondem atrás dos babados perfurados por ilhoses da saia da cama.

— Já vai, já vai! — diz Vaclav, pondo-se de pé às pressas.

Assim que destranca a porta, esta se escancara, empurrando-o para trás.

Os olhos de Rasia esquadrinham o quarto. Rasia não sabe o que está procurando, mas se preocupa o tempo todo. Todo dia, às 17h10, ela corre para casa o mais rápido que pode porque seu filho está crescendo e mudando a cada segundo, e ela tem poucas horas para moldá-lo como se ele fosse de barro. Tem poucas horas para mostrar a ele que é importante fazer o dever de casa, jantar em família, não usar drogas, nem roubar nem ser uma pessoa preguiçosa ou trapaceira. Tem de protegê-lo dos pedófilos, dos estranhos, dos valentões, das armas e do envenenamento por monóxido de carbono. Ela se preocupa porque quando ele chega da escola a casa está vazia; ele é uma daquelas crianças que andam com a chave de casa e ela é uma dessas mães que trabalham, e eles moram numa área urbana, e Vaclav frequenta uma escola pública movimentada, e todas essas coisas são ingredientes de problemas quando

se escuta as notícias, o que ela faz, cuidadosa, vigilante, sempre para saber qual é a próxima coisa que deve temer.

— Não estou gostando do que vejo aqui. O que está acontecendo aqui enquanto não estou em casa?

— Nada! Não estamos fazendo nada! Dever de casa. Só estamos fazendo o dever de casa — responde Vaclav.

— Nada e dever de casa durante três horas? Isso não acredito. Quero ver todo o dever de casa depois do jantar.

Rasia afasta-se na direção da porta, olhos fixos em Lena. Está preocupada com Lena por causa da conhecida ocupação da Tia. É e não é justo ao mesmo tempo.

— Certo, nada e dever de casa, e também um pouco de ensaio do número de mágica — admite Vaclav.

Rasia volta a entrar no quarto.

— Também um pouco de ensaio do número de mágica?

— Na verdade, é, sim, estávamos ensaiando o número de mágica — diz Vaclav, tentando parecer sério. — Talvez, também, se você deixar, porque o dever de casa está todo pronto, talvez... — Vaclav levanta os olhos para a mãe, e Rasia baixa os olhos para o filho, que dança enquanto pede o que quer, seus tênis de velcro cavando pequenos círculos nervosos no tapete.

— Talvez o quê? — pergunta Rasia.

— Talvez, antes do jantar... — responde Vaclav.

— Diga logo o que você quer — diz Rasia, semicerrando os olhos.

— Será que Lena e eu podemos fazer um espetáculo de mágica para vocês na sala antes do jantar? — Vaclav dispara, muito depressa, num fôlego só.

— O dever de casa está todo pronto? — pergunta a mãe.

— Está, está todo pronto — responde Vaclav, embora seu dever de casa esteja, na verdade, quase pronto.

— Lena, você vai ficar para jantar? — pergunta Rasia.

— *Da* — responde Lena.

— Em inglês! — diz Rasia.

— Vo-ou — diz Lena num resmungo.

— Antes de acontecer qualquer mágica, o dever de casa tem de ser feito — declara Rasia.

Vaclav sorri, porque sabe que aquela é a maneira de ela dizer sim.

Rasia olha de cara feia para o quarto por um minuto a mais, só para erradicar qualquer coisa esquisita que possa ou não estar acontecendo, e então, satisfeita, finalmente sai, puxando a porta até quase fechá-la atrás de si. Assim que ela sai, Vaclav e Lena pulam e gritam de animação e em seguida começam a se preparar freneticamente para seu magnífico número.